QORPO & QAOS

J. C.

Qorpo Santo. O de insólito nome. O por um século ignorado. E mais uma vez morto, tão logo ressuscitado. Três de suas peças, escritas em 1866, são representadas pela primeira vez em 1966, graças à teimosia de Aníbal Damasceno Ferreira e Antônio Carlos de Sena, para logo caírem mais uma vez no esquecimento. A segunda ressurreição, esta definitiva, só irá ocorrer dois anos mais tarde quando, em um festival de teatro no Rio de Janeiro, Yan Michalski o proclama “verdadeiramente sensacional, primeiro precursor mundial do teatro do absurdo”. Rio dixit. A província intelectual gaúcha começa então a perguntar-se se aquele maluco da Rua da Praia não terá alguma importância na história das letras.

No que vai grossa ironia. E se não existissem Jarry, Becket ou Ionesco? Não sendo precursor de qualquer coisa européia, seria precursor de quê? De nada, e portanto zero à esquerda. E mais uma vez nossos complexos de inferioridade cultural nos fazem curvar a cabeça ante os padrões dalém-mar.

Enfim, o homem parece estar salvo. Como também o que restou de sua *Ensiqlopédia*. Do teatro já passou ao cinema e hoje tornou-se ópera. De obscuro escriba tido por louco na Porto Alegre do século passado, transferiu-se para as universidades do país, americanas e européias. E já começa a ser incluído na historiografia universal da literatura.

Nesta edição de *Travessia*, começamos entrevistando o homem que efetivamente o descobriu, apesar do que possam dizer verbetes apressados de enciclopédias. Entrevista difícil, dura de ser extraída, obtida a fórceps, quase. Pois Aníbal Damasceno Ferreira é arredo a entrevistas. O que nos obrigou a entremeá-la com textos de sua única manifestação pública em torno ao caso, “Qorpo Santo ou a Singularidade”, publicado no extinto Caderno de Sábado do *Correio do Povo*, Porto Alegre, em 21 de fevereiro de 1968. A seguir, a Prof^a Luciana

Stegagno Picchio se interroga sobre o sentido da reabilitação. *Make it new* ou *play it again?*

Raúl Antelo faz uma seleção de textos em prosa e verso do livro 7 da *Ensiqlopédia*, intitulado *A Saúde e a Justiça*, onde o autor reflete sobre suas atribulações, o homem e o mundo. Janete Gaspar Machado já vê no teatrólogo um homem que, debatendo-se à cata de soluções viáveis para a fragmentação de sua condição, acaba por parir seu próprio caos interior. Enquanto seus contemporâneos discutiam o sexo dos anjos, Qorpo Santo irá se preocupar com o “ceqso” dos homens: Marília Mothci Adler trará à tona, percorrendo suas peças, estas dilaceradas obsessões eróticas. E Maria de Jesus Evangelista levanta uma tese tão insólita quanto o autor: Qorpo Santo, um romântico?

Last but not least, pesquisa nossa já publicada em *Boletim de Ariel* nº 7, Rio, s/d, situando o verdadeiro descobridor do teatrólogo gaúcho. Afirmação com a qual, conforme já tivemos satisfação de ler, concorda Alfredo Bosi.

J.C.